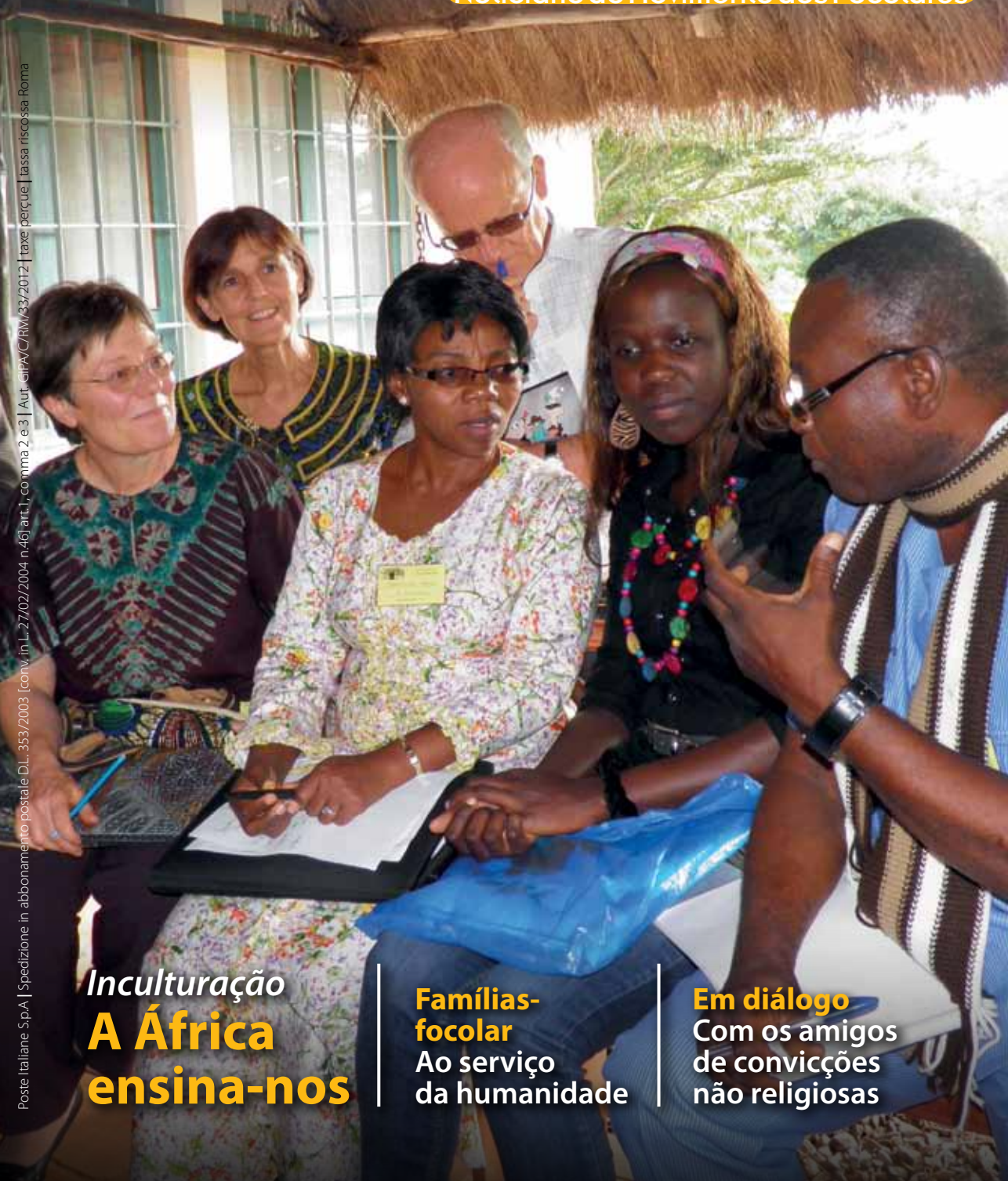


ANO XXX Nº 8 AGOSTO DE 2013

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Foculares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1, comma 2 e 3 | Aut. GIUFFRÈ/RM/33/2012 | Taxe perçue | Tassa riscossa Roma



Inculturação
A África
ensina-nos

**Famílias-
focolar**
Ao serviço
da humanidade

Em diálogo
Com os amigos
de convicções
não religiosas

O mais profundo "fazer-se um"

Caríssimos, uma das inúmeras graças que Nossa Senhora nos deu neste mês de maio, durante a nossa viagem à África, foi a de compreender uma nova dimensão do "fazer-se um", atitude que nos é tão conhecida e familiar, expressão do nosso carisma da unidade. Aprofundámos o modo de "nos fazermos um" com o irmão, com os irmãos, para os amar e exprimir assim, concretamente, o nosso amor a Deus. E vimos também o irmão numa ótica nova.

São Vicente de Paulo definia os pobres que ajudava como "seus patrões". E por isso servia-os.

Nós compreendemos que devemos considerar não só os pobres como nossos patrões, mas também todos os nossos próximos. Com efeito, se Jesus disse que não veio para ser servido mas para servir (e devemos poder dizer a mesma coisa de nós), isto significa que nós somos o servo e os outros são os patrões.

Sendo assim, é ele, o irmão, que deve ter a precedência, que deve ser honrado, obedecido, porque é ele que manda.

Mas, então, como nos comportarmos diante do irmão?

Devemos colocá-lo na condição de ser o primeiro a agir, de tomar a iniciativa. Poderíamos dizer: de ser o primeiro a amar.

E para isso, devemos pôr-nos à sua disposição, aproximarmo-nos dele completamente vazios de nós mesmos e, por ele, deixar de lado até mesmo aquilo que



possuímos de mais precioso e grandioso: o nosso carisma, a nossa espiritualidade, a nossa Obra, para sermos diante dele o "nada" como Jesus Abandonado, como Maria Desolada. Ser o "nada" que afinal, paradoxalmente, é ser o Ideal mais autêntico, é ser a Obra personificada.

Dessa forma o irmão pode exprimir-se, porque encontra quem o acolhe: pode dar-se.

Mas, dado que o nosso é um "nada de amor", que não é minimamente sinónimo de inexistência, o Espírito Santo, vigilante em nós, ilumina-nos e ajuda-nos a conduzir a conversa a fim de que o irmão possa abrir-se completamente. Não só, mas ajuda-nos a identificar aquele algo de "vivo" no coração do irmão, "vivo" no sentido sobrenatural: aquela chama da

vida divina que existe nele. Ou "vivo" no sentido simplesmente humano, ou seja, a expressão daqueles valores que o Senhor, ao criar-nos, deu a cada ser humano.

E naquela parte "viva", estando ao seu serviço, nós podemos enxertar com doçura, com amor, com ilimitada discriminação, aqueles aspectos da verdade, da mensagem evangélica que trazemos e que completam e dão plenitude aos valores em que aquele próximo já acredita, aspectos que, por sinal, são muitas vezes esperados e, diria quase ansiados por ele, e que além do mais trazem consigo toda a verdade.

Aliás, se percebermos que ele o deseja, podemos oferecer-lhe com delicadeza, sem nunca impor, a possibilidade de entrar por aquela porta da Obra (num seu aspecto estruturado ou não), que nos parece que Maria preparou, para que esta pessoa possa ter acesso à nossa comunhão, à comunidade do nosso Movimento, que é uma das comunidades da Igreja.

Agindo assim, o irmão dá antes de nós. Depois nós fazemos o mesmo e a chama do nosso Ideal reverte em benefício de muitos.

Este é um método excelente para aqueles continentes nos quais a Igreja e, portanto, também nós, usufruí das sementes do Verbo existentes nas várias culturas, para aí enxertar a Vida (Jesus) na sua parte viva. Tal como é viva cada árvore, mesmo se silvestre, sem ter recebido algum enxerto.

Mas é um método ótimo também para as terras consideradas civilizadas, onde o ateísmo teórico ou prático, ou a indiferença, a secularização e o materialismo dominam. Nessas terras, quando

não se vive apenas os contra-valores (tal como o poder, o dinheiro, as mordomias, ou só o próprio bem-estar, etc.), talvez não se possa falar tanto de sementes do Verbo, mas sobretudo e frequentemente, de idealismos de diversos graus e muitas vezes de muita boa vontade.

Tudo isso também deve ser valorizado e considerado como a base para construir a fraternidade humana.

E, aquilo que eu expliquei é o "fazer-se um" mais profundo, mais íntimo, que prevê sem dúvida o dar de comer a quem tem fome, construir hospitais para os doentes, isto é, prevê as obras. Mas não se esgota nestas que são apenas o aspecto mais exterior do "fazer-se um".

A primeira obra que devemos edificar é Cristo dentro de nós, é Maria em nós. E Eles são eles mesmos, exatamente ali onde existirem "nadas", no abandono e na desolação. Por isso tornam-se o "tudo", a plenitude: Jesus na ressurreição e Maria, por participação à vida divina, na sua glorificação.

Vamos tentar, no mês de Junho dedicado ao Coração de Jesus – o ardentíssimo amor de Cristo - viver este que foi o seu modo de amar, este "fazer-se um" como Ele o fez quando, sendo Deus, se fez homem como nós.

Recordemos, então, o "fazer-se um mais profundo".



Do pensamento da Conferência telefônica de 28 de maio de 1992.

A África ensina-nos a Inculturação

Do encontro entre culturas diferentes surgem novas modalidades para anunciar o Evangelho Vangelo

Na Exortação apostólica, *Evangelii nuntiandi*, Paulo VI tinha manifestado a sua preocupação pela divergência entre Evangelho e cultura, vendo nela o drama do nosso tempo. Ansiava que se evitasse essa divergência fazendo-se mais próximo das várias culturas com mais interesse e atenção. A evangelização das culturas – isto é dos modos de viver e de pensar dos povos – é, como sublinhou mais tarde João Paulo II, «a forma mais profunda e mais completa de evangelizar a sociedade, porque, através dela, a mensagem de Cristo entra nas consciências e penetra nos costumes das pessoas, na sua atividade, instituições e estruturas», chegando, na Exortação apostólica *Ecclesia in Africa* (87), a definir a inculturação: «caminho para a santidade».

Em sintonia com o pensamento dos Papas e por uma intuição que lhe nasceu do amor, Chiara – durante a sua viagem a Nairobi, Quênia, em maio de 1992 - funda a Escola para a Inculturação inspirada na Espiritualidade da unidade, onde se dá espaço para estudar as qualidades e tesouros das culturas africanas.



Fontem, maio de 2000

Assim no Movimento, depois de se ter estado muitos anos em África (desde 1963), iam-se reunindo agora os múltiplos frutos da Vida do Evangelho, florescida e reflorescida em muitas comunidades nas nações do continente, e iniciava-se também uma nova etapa. Aos membros do Movimento de toda a África, reunidos em Nairobi, Chiara sugeriu que se pusesse em evidência a sua sabedoria, o património específico das suas culturas, melhor compreendido com a Luz da vida da espiritualidade da unidade, estimulando em todos, na vida e no pensamento, o entusiasmo pela inculturação.

Foi o início de um interessante processo de descobrir o outro, de inculturação e de inter-inculturação também entre as próprias culturas africanas, devido à especificidade dos vários grupos étnicos. De ano para ano foram crescendo os frutos daquele fazer-se um mais profundo¹ indicado logo por Chiara como estrada mestra para o nosso trabalho. «Verificámos que temos uma arma surpoderosa para a incultura-



Mariápolis Piero (Quênia), maio de 1992

ção – disse em Nairobi – que diria que é exclusivamente nossa, porque nós temos o carisma da unidade...o “fazer-se um”. Sabem o que significa fazer-se um? Significa cortar completamente a raiz da nossa cultura e entrar na cultura do outro e compreendê-lo e deixar que se exprime, até que o compreendemos profundamente em nós, e quando o compreendermos, então sim, poderemos começar o diálogo com ele e passar-lhe também a mensagem evangélica através das riquezas que ele já possui².

De facto, Chiara explica «Não se pode entrar na alma de um irmão para o compreender, para o perceber...se a nossa estiver rica de uma preocupação, de uma crítica...», «fazer-se um significa colocar-se diante de todos na posição de aprender, porque temos mesmo de aprender»³.

Segundo as indicações de Chiara, na nascente Mariápolis Piero nos arredores de Nairobi, nascia uma sede permanente para a inculturação, que organizou ao longo destes 20 anos a congressos panafricanos sobre temas importantes, como se pode verificar pelos livros já publicados (podem ser requisitados em italiano, francês e inglês através de segr.inculturazione@focolare.org).

Bispos e teólogos manifestaram várias vezes o seu apreço por este trabalho: «Na fase atual em que estamos a viver – escreve por exemplo o prof. Maviiri, Reitor emérito da Universidade católica da África Oriental – é muito oportuno e apropriado que estes trabalhos sejam publicados, não só para sublinhar a necessidade e a urgência da Inculturação, mas também para testemunhar a alegria de descobrir o tesouro que cada um encerra, em resposta ao amor de Deus por todos. Esta é a lei da Escola de Inculturação do Movimento dos Focolares».

Maria Magnolfi

- 1 C. Lubich, O mais profundo «fazer-se um», Conferência telefónica, Roma 28.05.1992.
- 2 C. Lubich, Aos representantes das comunidades da África, Nairobi 18.05.1992.
- 3 C. Lubich, A Arte de Amar, Cidadela 2006, p.74.

A Pessoa na África Sub-sahariana

Na Mariápolis Piero, a 10ª Escola de Inculturação, de 10 a 13 de maio passado



Uma experiência que ultrapassou as expectativas, com 287 participantes na 10ª Escola de Inculturação (10-13 de maio): voluntários, gen, focolarinos provenientes das nações da África a Sul do Sahara. É espontâneo dizer que a Escola esteve envolvida por uma verdadeira graça que «tornou evidente a ação do Espírito Santo», comentou a Bruna Tomasi que, com Lucio Dal Soglio, a seguiu desde o seu nascimento.

O tema sobre «A Pessoa» era estimulante. As Comissões zonais abriram os trabalhos propondo um grande leque de elementos de antropologia africana segundo as especificidades das áreas geográficas de onde – como uma nota comum inegável – provinha a raiz comunitária. Seguiu-se a Identidade do ser humano na antropologia bíblico/semítica e nos escritos do Novo Testamento; na teologia trinitária e filosofia africana, nos documentos do Vaticano II e segundo a luz da Espiritualidade da unidade. *O outro que não sou eu, um outro eu*, o tema da



Emmaus, ressoou como se tivesse sido escrito de propósito para nos fazer penetrar no património de Chiara, do amor ao irmão.

Um fruto fundamental: um novo impulso e entusiasmo para levar o ideal da unidade a campo aberto, sendo mais conscientes das próprias raízes e do mandato de Chiara de evangelizar. Sem receio dos desafios e agindo com discernimento nos limites que continuam a existir nas várias culturas, mas conscientes dos valores que elas contém. Com responsabilidade por se saber mexer no meio da nossa gente, testemunhando radicalidade de comportamentos e vivendo o fazer-se um para entrar nas mentalidades das várias culturas a partir de dentro. Construiu-se uma forte ligação com Chiara, compreendendo pelo seu exemplo como agir no diálogo com as religiões tradicionais.

O Chief Charles Morfaw de Fontem – voluntário – explicou como foi extraordinário o fazer-se um de Chiara com o Fon Defang. Disse que «foi o que determinou o enxerto do Ideal e a consequente evangelização no povo Bangwa». Afirmou aos presentes que sentia que devia ser um “aluno” de Chiara, não só um “seguidor”, para aprender e assumir o seu modo de ver, o seu modo de agir e poder transmiti-la aos outros com o seu próprio ser. Está casado há dez anos e a sua esposa também é voluntária, e escolheu abertamente ser sempre monogâmico, encontrando uma forma sábia de o explicar aos nobres do seu clan e ao seu povo.

Uma outra nota saliente desta edi-

ção foi a participação dos gen e de jovens por um mundo unido, inserida no Projeto



Sharing with Africa lançado no Genfest. Os gen que vieram em nome do Centro – bem integrados com uns trinta da África Oriental – seguiram o programa da escola fascinados, entrando em contato direto com os valores de sociedades baseadas no Ubuntu segundo o provérbio dos povos Bantu «Eu sou porque nós somos» que enriquece a socialidade do ser humano e a realização do indivíduo em interação com os outros. «Eu sou aquilo que sou por mérito daquilo que somos todos».

A reflexão sobre os valores continuou nos grupos. Ativos e vivíssimos – com um intercâmbio aberto – empenharam-se em identificar os valores que surgem nos vários contextos africanos para que não sejam só sinais do passado, mas talentos a usar na evangelização. Valores que também os jovens acham que não se devem perder no mundo globalizado, mas que se propaguem também entre outros jovens com a vida e todos os meios possíveis. Na conclusão, os participantes escreveram: «Foi Chiara que nos deu a coragem de nos conhecermos uns aos outros como povos, nos fez descobrir e abrir os nossos olhos sobre nós mesmos para sermos uma dádiva para todos. As suas palavras proféticas de 1992, estão-se a realizar».

Maria Magnolfi

Viagem à Alemanha

Fazer com que Deus brilhe!

A Emmaus e o Giancarlo visitaram durante um mês as quatro zonas alemãs, com muitas surpresas e confirmações

No fim do encontro com a «família de Chiara» em Ottmaring, no domingo 2 de junho o Giancarlo Faletti fez um comentário, brincando com um focolarino que estava perto dele: «Poderias fazer-me o favor de dizer como me chamo?». Tanto ele como a Emmaus tinham todas as razões para estarem cansados.

Em duas etapas – de 1 a 14 de maio e de 23 de maio a 2 de junho – eles visitaram o Movimento dos Focolares na Alemanha, com uma interrupção nos dias próximos da festa de Pentecostes, quando tiveram que representar o Movimento na praça de São Pedro, durante o grande encontro dos Movimentos católicos com o Papa Francisco. A viagem à Alemanha levou-os a quatro subdivisões territoriais do Movimento: as zonas da Alemanha leste, Alemanha noroeste, Alemanha sul e a cidadela ecuménica de Ottmaring.

Em 21 dias, tiveram 61 encontros, entre grandes jornadas de internos e aderentes em Zwochau, Wuppertal, Heilbronn e Ottmaring, manifes-

tações públicas - como o congresso sobre o diálogo da vida em Berlim - recepções, encontros com grupos e ramos do Movimento, visitas a bispos, reuniões preparativas e conclusivas com os respetivos responsáveis de zona. Era-lhes pedido não só uma grande capacidade de escuta, mas também intervenções e temas abertos a todos, respostas a perguntas, colóquios pessoais, debates, mensagens. Não é para admirar que alguém, depois de um programa destes, possa ter a impressão de já nem se lembrar como se chama.

Contuado, poder-se-ia também virar a pergunta e perguntar aos membros do Movimento dos Focolares na Alemanha se eles, depois desta viagem, depois de tantos impulsos espirituais e concretos, ainda sabem quem são. Noutras palavras: será que esta viagem – que devia servir para a Emmaus e o Giancarlo conhecerem melhor a Alemanha e os alemães – trouxe também algum fruto ou alguma mudança nas pessoas que receberam a visita e não apenas aos visitantes?





Na perspectiva de alguém que teve a possibilidade – e também a graça – de acompanhar esta viagem desde o início até o fim, tenho a impressão de poder sublinhar três efeitos: a viagem da Emmaus e do Giancarlo valorizou-nos, unificou-nos e elevou-nos.

Valorizou-nos!

Nós alemães, por natureza, somos céticos. Temos a tendência de duvidar de nós mesmos, dos outros e até do bom Deus. «Se o nosso presidente caminhasse sobre a água - diz uma anedota sintomática – nós imediatamente iríamos dizer: de certeza que faz isto só porque não sabe nadar!».

A esta característica a Emmaus e o Giancarlo – com grande intuição - responderam com uma sincera admiração: pela frescura da vida do Ideal que viram na zona da Alemanha leste, pelo perfeccionismo e a grandeza da Obra na Alemanha noroeste, pela plenitude dos talentos e pelas iniciativas que encontraram na zona da Alemanha sul, pela dimensão profética da cidadela ecuménica de Ottmaring.

No entanto eles valorizaram também as iniciativas individuais e as experiências. Basta pensar naquele voluntário que trabalha como maquinista dos comboios que, por causa dos horários do trabalho, tem dificuldades para se encontrar regularmente com os outros membros do seu núcleo, sobretudo com um outro que é camionista. Para cultivar o relacionamento e para viver «com Jesus no meio» a única possibilidade que tinha era fazer um telefonema durante um intervalo do trabalho. A Emmaus ficou realmente entusiasmada pensando nestes dois homens que rodam pelas es-

tradas e pelas ferrovias da Alemanha e, com a vida da Palavra, dão espaço a Deus, vivo entre eles.

Também me lembro da reação da presi-

dente à pergunta sobre o que se poderia fazer em Augsburg, para que o empenho pela «unidade augustana», anunciada por Chiara em 1988, possa ter uma incidência ainda mais forte na vida social e política da cidade. Quase maravilhada a Emmaus disse: «Como? Vocês ainda querem fazer mais?». E pôs em evidência tudo o que já se está a fazer neste campo.

Diante de frases como «infelizmente somos só...», «infelizmente temos só...» ela reagiu com exclamações de estima, de valorização, de reconhecimento. E assisti em primeira pessoa a alguns momentos em que esta surpresa, esta admiração mudou nas pessoas o modo de ver a realidade, tornou grandes as coisas que pareciam pequenas, e precioso o que parecia pouco importante.

Unificou-nos

A viagem da presidente e do co-presidente provocou um efeito unificante sobre todo o movimento na Alemanha. Isto verificou-se em dois sentidos: através de um tema, no qual a Emmaus continuamente sublinhou a compreensão da Obra como «família», referindo-se àquilo que para ela foram as últimas palavras, ou seja, a última recomendação de Chiara: «Sejam uma família!». Para a Emmaus isto não significa uma recordação nostálgica dos primeiros tempos. Ela não se cansava de explicar que a Obra teve que viver a diversificação em vários grupos e ramificações, os quais tiveram que encontrar a própria identidade. O «testamento» de Chiara – diz a Emmaus – é dirigido à Obra concluída, completamente desenvolvida, que agora deve aprender de novo a colocar, no centro do seu agir, a unidade de uma

única família espiritual. Esta família tem e deve manter uma sua estrutura própria. Contudo, estas estruturas – e é necessário sublinhar isto para nós, da Alemanha - devem servir sempre para realizar o grande objetivo pelo qual a Obra nasceu: o «*Ut Omnes*», a unidade da família humana, que significa, como diz muitas vezes o Giancarlo, o avançar do Reino de Deus. Por isso, nenhuma estrutura deverá ter um objetivo em si mesma.

Sobre esta base, aconteceram também os encontros – por vezes até um pouco cansativos e dolorosos – com os membros evangélicos na Alemanha. O reencontro da grande «família» dos Focolares revela ainda mais as diversidades e evidencia por vezes até uma certa falta de sensibilidade por parte da maioria católica. A Emmaus e o Giancarlo não trouxeram nas suas bagagens soluções presidenciais para as questões ecuménicas. Ouviram com muita atenção o desejo dos evangélicos de serem um pouco mais respeitados na sua diversidade.

Foram de grande importância também alguns encontros da Emmaus e do Giancarlo com pessoas que, por vários motivos, tinham feito parte do movimento e, não encontrando o seu lugar, após uma longa permanência deixaram de frequentar, às vezes em circunstâncias dolorosas e até dramáticas. A Emmaus entrou nestes encontros de coração aberto, com uma profunda atenção para ouvir, exprimindo uma sincera comoção e gratidão por tudo aquilo que estas pessoas contribuíram para a Obra, sem qualquer menção a «recuperação».

Mas existe ainda uma outra dimensão unificante nesta viagem, esta de carácter nacional. Analisando bem todo o desenvolvimento, verificou-se que não se tratou de uma viagem às várias zonas alemãs, mas sim de uma viagem à Alemanha. Desde o início estava previsto que as conclusões da viagem fossem ditas apenas no fim. Mas, desde

o primeiro momento, podia notar-se que a Emmaus tinha direcionado o seu olhar sempre sobre toda a Alemanha. A viva participação dos membros do Movimento em todas as zonas e durante toda a viagem, também criou um sentido de comunhão, como talvez antes não se tinha verificado, desde que a Alemanha tinha sido subdividida em várias zonas, em 1981. É de referir, ainda neste contexto, aquilo que foi evidenciado em relação ao desenvolvimento nas várias ramificações: a subdivisão da Obra em várias zonas era um passo necessário que deveria desabrochar numa nova unidade, que significa um ulterior passo de amadurecimento e não de regressão.

Elevou-nos

O terceiro efeito desta viagem chamaria de: elevação. Faço referência ao convite que a Emmaus tinha feito no fim da «tour da Alemanha» em Ottmaring, convite que já se poderia intuir durante o grande encontro com os internos e aderentes da zona da Alemanha sul, em Heilbronn. Naquela ocasião tinham-lhe pedido um mote para os alemães e ela, com uma certa autoridade, tinha respondido: «Exatamente porque sois ricos de talentos e perfeitos, desejo que tenham um relacionamento ainda mais profundo com Deus, um colóquio mais intenso e mais contínuo com Ele, que nasce de um relacionamento vivo».



Mundo, cidade,

Um Supercongresso que faz passar pelas ruas de Castel Gandolfo 1300 gen3, dos 9 aos 12 anos, provenientes de 33 nações do mundo

«Sinto uma felicidade imensa e parece-me conseguir amar a todos! Talvez porque o Espírito Santo está mesmo entre nós e abre os nossos corações». Assim comenta uma das e dos 1300 gen3 reunidos em Castel Gandolfo, no dia de Pentecostes, para o seu Supercongresso.

Seguiram-se jogos, danças e muitos testemunhos. Desde há um ano que se preparavam para este encontro especial pondo o “coração em acção”, para levar aos cantos cinzentos das suas cidades a cor do amor. Uma fábula pôs em cena a certeza sentida pelos e pelas gen3: pode-se dar mais felicidade ao mundo e multiplicar à nossa volta a amizade, a partilha, a confiança.

À tarde, quando saíram pelas ruas e pela



praça do local, envolveram no programa os habitantes e transeuntes. O presidente da Câmara, que abriu com entusiasmo as portas da Câmara, fez-se presente à noite com

Em Ottmaring, a Emmaus desenvolveu mais este pensamento, referindo-se a todos os tesouros que ela tinha descoberto nos alemães: a sua fidelidade, a solidez, a capacidade de profundidade cultural, a capacidade de olhar em profundidade os problemas, de não os tratar com superficialidade e de os querer resolver. E, exatamente por tudo isto, o convite para desenvolver ainda mais o sentido de sobrenatural: «Desejo que estejam ainda mais convencidos de que, sobre esta vossa capacidade, possa brilhar ainda mais a grandeza de Deus, que sejam capazes de dizer a vocês próprios: mas nós, quem somos? Para descobrir quanto Deus trabalha,



quem é Deus para nós, o que Deus pode fazer por nós, e através do nosso contributo também cultural, façamo-Lo resplandecer também para os outros. E isto, para mim, é uma grande riqueza que a Alemanha pode dar, a Alemanha inteira pode dar à Europa, mas não apenas à Europa, a todo o mundo: que esta base cultural que faça surgir a grandeza de Deus».

É um convite que nos liberta e desafia. Liberta-nos do stress – real ou imaginário, mas, para todos os efeitos, típico dos alemães – de termos que ser nós a fazer tudo. E desafia-nos a estar com os “pés na terra”, mas com a cabeça erguida e ancorada no céu, para dar testemunho de uma grandeza e dignidade que não são nossas.

Joachim Schwind

cidade-coração em ação

um SMS aos participantes: «vou dormir com o pensamento cheio de imagens lindíssimas e o coração repleto de emoções. Obrigada a todo o movimento dos Focolares. Sois maravilhosos!».

A chamada em directo através da internet, com a presença da Emmaus, foi seguida no site Web por mais de 12.000 entradas, abriu as portas da sala ao mundo. As perguntas e experiências deram uma sequência da vida e das problemáticas dos jovens. Sentiram-se bem recebidos pela Emmaus, que entrou no mundo deles. Escrevem-lhe numa mensagem: «Obrigada pelos teus ensinamentos, são mesmo os que nos servem para a nossa vida de todos os dias. Gostámos muito que nos tivesses ouvido e compreendido os problemas que encontramos. Depois soubeste dar-nos conselhos sábios, úteis e claros para nós gen3. Agora sabemos como fazer para amar os “inimigos” e vencer os momentos difíceis. Quando alguém nos faz mal podemos estar com Jesus para salvar o mundo, gostámos muito dessa ideia. Enquanto estavas connosco parecíamos uma só pessoa, trouxeste-nos o teu amor e o de Chiara».



NO CENTRO

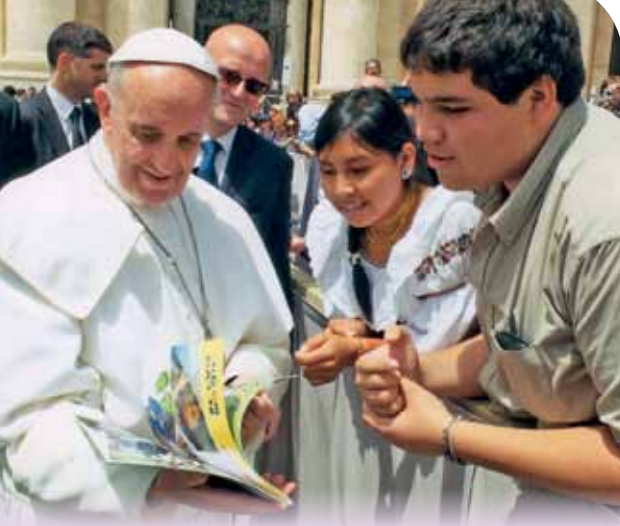
Voo alto!

Congresso das gen3

O congresso das gen3 continuou num nível muito alto. «Gostei sobretudo quando a sala se tornou um avião e embarcámos no voo Gen3-Airlines? Destino? O paraíso, obviamente». Seguindo a metáfora de um voo com várias fases, desde a descolagem aos momentos de turbulência, as gen3 chegaram ao coração de Deus.



Com o tema da “Chamazinha” descobriram os dons do Espírito Santo e receberam os conselhos de Chiara e o seu encorajamento a amar sempre, tal como escreve uma gen3 numa cartinha: «procurarei fazer como tu nos ensinaste, Chiara. Cada vez que vejo o teu grande amor por Deus, penso que realmente a tua vida melhorou muitas coisas sobre esta Terra. Tenho a certeza que, com as gen3 e os gen3, vamos ser uma geração de



Famílias-focolar

Novas luzes nas cidades

Chamados a estar ao serviço de toda a Obra, como verdadeiros focolares

santos!!!». Na visita ao centro da Obra encontraram o coração de Chiara, a sua presença, que experimentaram de um modo muito vivo na sua casa e na capela.

Estavam previstas várias escalas no programa do voo. Nos vários continentes, para conhecer o “povo de Chiara” e a difusão do Ideal no mundo, através da narrativa de vários pioneiros. Aterrando no seu mundo foram a fundo sobre muitas temáticas, para aprofundar os desafios ligados à sua idade: uso dos média, adolescência e emoções, bullying, escola, vida de família. Uma centena de adultos deu o seu contributo de sabedoria, fazendo experimentar todas as potencialidades presentes na Obra, Jesus no meio entre as gerações.

O último destino era a Praça de S. Pedro, coração da cristandade, para o encontro com o Papa Francisco. Estavam presentes também alguns gen3, que tinham permanecido para a escola que se seguiu. Uma representação, saudando pessoalmente o Santo Padre, mostrou num momento festoso o álbum “Coração em acção”, com as experiências do mundo. O Papa folheou-o com eles, sublinhando a importância de que «a juventude do Movimento dos Focolares continue com estas obras». O amor para com os últimos, vivido intensamente pelos e pelas gen3, foi recebido pelo coração da Igreja.

Stella Tomiola



«Estamos aqui com os nossos delegados de zona, à espera da conferência telefónica convosco para ouvir a mensagem da Emmaus». Foi um dos muitos SMS que chegaram algumas horas antes da conferência por internet com o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, onde estava em curso a escola das famílias-focolar, que se realizou de 30 de maio a 2 de junho. Uma escola muito esperada, que fazia prever, já através do título, que seria um sucesso, qualquer coisa de novo. «Novas luzes nas cidades»: um desejo e um empenho para as 175 famílias-focolar presentes na escola, provenientes de diversas partes do mundo. Uma escola realmente especial.

É difícil dizer em poucas palavras o que foram aqueles dias: uma espécie de laboratório, conduzido por Jesus no meio, que fazia nascer ideias novas, inflamava os corações, lançava todos com renovado entusiasmo a viver pelo *Ut Omnes* para chegar às «periferias» e dialogar com todos, até com os mais distantes do nosso ideal, para sermos uma nova luz nos ambientes em que estamos imersos.

O momento central da escola foi a vídeo mensagem da Emmaus, gravada antes de ir para a Alemanha, na qual ela realça o valor da família-focolar, chamada a ser um verdadeiro Focolar e, como tal, ligada diretamente à presidente. As palavras da Emmaus geraram uma profunda conversão em cada um de nós, conduzindo-nos com imenso amor a pormo-nos ao serviço de toda a Obra nas suas atividades, nos seus diálogos e nos seus movimentos de massa, com uma nova responsabilidade.



Desde o primeiro momento notou-se uma atmosfera especial na sala. Muitos testemunhos, entre os quais aquele particularmente significativo de Elide e Gianni Cito, sublinharam a necessidade de se entraizar em Jesus Abandonado, indo além dos próprios limites, das tribulações pessoais e sociais, para poder haver novos Focolares no mundo. Foi importante redescobrir a figura de Foco através de um vídeo em que Cosimo fala do último período da sua vida, tão luminoso.

O testemunho de algumas famílias-focolar, das primeiras a seguir esta novíssima estrada (Zanzucchi, Calò, Mayerhofer, Quartana, Colonnetti), fez amadurecer a exigência de uma formação mais frequente, sobretudo para as famílias mais jovens. Alguém dizia: «Eles foram formados diretamente por Chiara; também nós queremos ser mais ajudados...»

Quando começámos a preparar esta escola, sentimos a exigência de ir visitar Augustin Kemdjo, o focolarino casado de Duala gravemente doente, para lhe confiar. Por isso o seu

funeral, celebrado durante os dias da escola, foi um momento de forte comoção. Pareceu-nos que este acontecimento colocasse uma confirmação nas palavras da Emmaus, fazendo-nos tocar de perto a experiência de santidade de Augustin, que nos aparecia um fruto completo da vocação do focolarino casado e do seu ser família-focolar juntamente com a sua esposa, Amata.

Como conclusão da escola retomámos algumas das últimas respostas, sobre as famílias-focolar, que a Emmaus e o Giancarlo deram durante a sua recente viagem à Alemanha: aquele ser «*família-corção*» para gerar e acolher, indo ao encontro dos sofrimentos e dos muitos desafios da humanidade de hoje, sintetizou os muitos propósitos formulados.

Todos partiram com a consciência de terem participado num momento histórico na vida da Obra. Também através da conferência por internet, nasceu em muitas pessoas uma nova responsabilidade, uma alegria profunda, um novo empenho em viver com radicalidade para gerar a presença de Jesus.

Referimos uma impressão que parece resumir os numerosos e vivazes ecos que estão a chegar: «*As palavras da Emmaus já estavam no nosso coração, uma a uma; eram as palavras que tanto tínhamos querido explicitar. Existiam, mas estavam cobertas com um véu. A Emmaus veio e tirou aquele véu. Agora vemos mais claramente o que somos e o que podemos dar e estamos felizes por depender dela, como muitos focolares ao serviço da humanidade*».

Maria e Raimondo Scottò



Em Nemi com a *Città Nuova*

6º laboratório anual dos encarregados da difusão

Todas as vezes é uma surpresa. Mas desta vez foi dupla, ou, melhor, tripla. Quem teria imaginado que 180 pessoas, em tempo de crise económica, encontrassem a possibilidade e o dinheiro para investir na promoção de uma aventura editorial que vai a par e passo com a evolução e incisividade dos Focolares no território? São encarregados nos conselhos de zona, de região, e portanto provenientes de quase todas as regiões italianas. “Para uma rede mais empresária e uma empresa mais em rede” era o título do encontro que se enriqueceu nalguns momentos do programa com a presença de Luisa Gennaro e Mario Ciabattini, com os delegados de zona e muitos responsáveis de regiões italianas. Estavam presentes também vários “apaixonados”, nome criado para exprimir uma paixão que a *Città Nuova* suscita no momento em que nos vemos envolvidos num trabalho em rede onde, como dizia Chiara, “quem escreve, quem lê e quem difunde tem a mesma importância”. Um laboratório, portanto, teórico e prático, onde se quiseram abordar juntos os pontos fracos para os poder transformar em pontos fortes, tanto no trabalho de difusão como nas propostas editoriais no mundo, da editora e do mercado de leitura, onde as vendas caíam assustadoramente.



© Domenico Salmaso x 2

Terceira surpresa: o entusiasmo. Foram convincentes e envolventes as experiências desta rede já operativa e competente de Itália. Os média vendem se derem relevo aos cinco esses em italiano: (*soldi, sesso, sangue, scandalo, successo*) dinheiro, sexo, sangue, escândalo e sucesso. *Città Nuova* propõe um 6º esse (*speranza*), a esperança porque o objetivo não é vender *Città Nuova* mas difundir a nova cultura que nasce do Ideal. O próximo encontro de *Città Nuova* será dia 5 de outubro nas cidades italianas, para começarmos todos juntos. “Este congresso é um laboratório de criatividade de que a Obra tem necessidade” concluíram na saudação final Antonella e Dimitri. E recordaram as palavras da Emmaus de não recear perder a nossa identidade ao sair para fora, porque não a perdemos se a oferecermos: cada um de nós é o primeiro meio de comunicação para difundir a experiência que vivemos.

Marta Chierico



Quarto diálogo

Em direção a uma «sã normalidade»

Crescem localmente as relações de amizade e colaboração com os amigos de convicções não religiosas

Iniciou-se este ano uma nova etapa na história do Centro do diálogo com pessoas de convicções não religiosas com uma série de encontros, entre grupos regionais, que, realizando-se diretamente nos vários locais, têm o objetivo de promover o conhecimento, reforçar os relacionamentos e fazer circular as experiências entre os envolvidos neste diálogo da mesma região.

No passado também se viajava para fora de Itália, mas aqui trata-se de fazer com que «os amigos» se tornem verdadeiros protagonistas e construtores de diálogo ali onde vivem, sendo eles a trazer o seu contributo específico ao Movimento.

Eram mais de vinte os amigos da Rússia, Eslováquia, Áustria, Alemanha, Sérvia, Croácia e Eslovénia que em fevereiro tiveram um encontro de dois dias em Viena. Momentos de conhecimento recíproco, comunhão e

diálogo muito participado e vivo.

Foi forte a consciência de que, na Obra, cada realidade nasce e pode desenvolver-se vivendo o amor ao irmão. E, ainda mais nesta nova fase da Obra, cada um, trabalhando em conjunto, é construtor em primeira linha.



Momentos de atuação, muito profundos, nos quais se pôde comunicar abertamente a todos as últimas realidades do Movimento e suscitar comunhões profundas. A noite dedicada ao encontro com um grupo do Partido Comunista Austríaco teve numerosos participantes,

atraídos também pela exposição montada por um deles, Walter Filip. Tinha um tema bastante insolito para as suas fotografias: esgotos de toda a Europa, mas que revelavam o seu cuidado em descobrir humildes obras de arte.

O diálogo entre o partido comunista e o Movimento dos Focolares na Áustria já faz parte de uma «sã normalidade», como sublinhou o ecónomo do partido, Michael Graber, acrescentando que, recentemente, também algumas senhoras provenientes do partido comunista e do Movimento dos focolares deram início a encontros para tratar de assuntos de interesse comum.





O mesmo ambiente de colaboração profunda e empenho sério por parte dos «amigos» notou-se também em Castell d'Aro, na Costa Brava em Espanha, onde alguns responsáveis do Centro do diálogo se encontraram com um grupo proveniente dos Países da Europa ocidental.

Pela primeira vez ali, o grupo de diálogo de Florença organizou um congresso aberto com o título «A responsabilidade do outro», propondo aos cerca de 150 intervenientes, dos quais 100 eram os amigos, uma reflexão sobre o relacionamento entre as pessoas na sociedade. Foi convidada de honra Doni Fratta, que contou como nos Focolares desde sempre se deu atenção a quem não dividia uma escolha religiosa.

Testemunha dos primeiros tempos deste diálogo foi Piero Taiti, que contou o seu encontro com Chiara Lubich, sublinhando todas as descobertas de laicidade,

de respeito, de diálogo que ele fez no relacionamento com ela.

Foram encorajantes as numerosas experiências do mundo juvenil, que colabora na difusão da fraternidade nos mais variados ambientes, como testemunham as duas escolas de participação política de Prato e de Pisa.

A riqueza deste diálogo veio em realce em todo o seu dinamismo no terceiro Curso de Aprofundamento sobre "A Palavra e a sabedoria humana", no início de abril em Castelgandolfo. Participaram pessoas não só de países europeus, mas também da Nova Zelândia e da Argentina. Os jovens, presentes em grande número, deram um precioso contributo.

A vinda da Emmaus e do Giancarlo foi a confirmação de que os passos que estamos a dar vão na direção do «ut omnes». Uma nova etapa para os «amigos» de convicções não religiosas ligados à Obra foi quando a Emmaus definiu o seu papel: «*O que espero dos amigos do 4º diálogo? Espero que levem lá para fora, para fora do Movimento, os ideais que animam o Movimento.*

Espero que sejam precisamente aquilo que Chiara dizia de Foco: ou seja, a pele deste corpo, a parte externa, aquela que se vê e que portanto faz a ligação com todo o resto da humanidade. (...)

O que é que os nossos amigos do Movimento podem esperar de nós? Eu penso que podem esperar aquilo que cada um quer: ou seja, sentirem-se bem acolhidos».

Vida Rus, Franz Kronreif

O momento de aplicar o diálogo

Foram ricas as experiências dos amigos de convicções não religiosas. Fazem prever um mundo em transformação graças a um novo empenho nos relacionamentos com quem vive ao nosso lado

Há três anos iniciei um percurso de voluntariado numa Comunidade de Roma que se ocupa de pessoas com dependências.

O Centro nasceu em 1978, como suporte e apoio às pessoas toxicodependentes. Atualmente ocupa-se de

problemáticas muito mais amplas e não só limitadas à toxicodependência. O percurso dos utentes interessa tanto aos que apresentam uma problemática de dependência, como aos seus familiares ou parentes que se vêem envolvidos às vezes em situações limite da capacidade humana.

É precisamente com estes últimos que desenvolvo a minha ação de voluntariado.

No percurso de formação, que fiz nesta comunidade, aprendi dois elementos indispensáveis para executar de forma idônea a minha tarefa: são a comunicação e a escuta.

Embora partilhando com os meus colegas os vários elementos que facilitam a comunicação, como: a atenção, a aceitação do outro, a ausência de crítica, de juízos de valor etc., tentei ir mais além. Procurei utilizar concretamente os instrumentos que o diálogo me forneceu.

Uma pequena experiência. Uma manhã, estando eu de serviço na secretaria da comunidade onde trabalho como voluntário, chega uma senhora a pedir para falar com um operador.

Ainda antes de nos sentarmos, de uma forma arrogante e até um pouco

agressiva, começou a impôr condições à nossa conversa: o nosso encontro devia permanecer secreto (se o filho viesse a saber da sua vinda à comunidade de certeza que a massacraria); ela não me diria nem o seu nome nem sequer o do filho; eu não podia informar a polícia, nem expôr a denúncia (a senhora estava convencida que a Comunidade e os órgãos da polícia estão em contato).



A minha reação foi, primeiro de espanto e depois de raiva. Respondi-lhe de forma educada dizendo que o seu comportamento era bastante incorreto, fi-la ver que tinha sido ela a vir ter comigo, e não eu a procurá-la.

Estávamos sozinhos. Consigui desligar-me do meu papel e ver duas pessoas que dialogam: uma é débil e cheia de dor, sofrimento, medo e a outra é forte, mas fechada no seu

papel de salvador. Uma desilusão, a minha figura.

Percebo a impossibilidade de atuar e a incapacidade em aplicar a teoria aprendida em três anos de serviço na comunidade. Nesta situação, os instrumentos técnicos não servem. Chegou o momento de aplicar o diálogo! Só eu posso mudar a situação.

Convido a senhora a sentar-se e coloco à sua disposição os meus conhecimentos técnicos, mas sobretudo humanos, esquecendo os vários procedimentos burocráticos.

Houve uma explosão de choro e de alegria, senta-se e pede desculpa pelas lágrimas e começa a contar a sua história. A necessidade em dividir o drama que está a viver finalmente encontrou um espaço onde se pode libertar, sem vergonha ou medo de ser julgada.

A minha abertura ao outro tornou-se finalmente escuta capaz de acolher o seu sofrimento, elaborá-lo, fazê-lo meu e restituir-lhe o meu contributo, num enriquecimento recíproco.

Para mim esta é uma história como tantas que já ouvi, mas com um esforço a mais: a atenção ao outro.

Piero Nuzzo

Em direção ao Meeting Internacional sobre Educação

Aprender a fraternidade

Está a delinear-se a grandes passos o programa de «Learning Fraternity», o Meeting Internacional sobre educação, que será de 6 a 8 de setembro no Centro Mariápolis de Castelgandolfo.



Tom Master virá dos Estados Unidos com um workshop sobre o "dado do amor", a equipa de PuntoLab de Roma vai propor um outro sobre educação e social network. Não faltarão os stands das famílias, dos jovens, dos adolescentes, dos catequistas, dos educadores em geral.

Está a delinear-se a grandes passos o programa de «Learning Fraternity», o Meeting Internacional sobre educação que será de 6 a 8 de setembro no Centro Mariápolis de Castelgandolfo. Um ponto de chegada, e ao mesmo tempo o início de um percurso, que tem o seu ponto forte na sinergia entre as várias agências educativas da Obra.

Humanidade Nova, jovens para a Unidade, EDU (Educação e Unidade) e AMU (Ações Mundo Unido) puseram-se a trabalhar juntos à volta de uma mesa para re-

colher a vida que existe no âmbito da educação pelo mundo, e compreender juntos como fazer disso uma riqueza para todos.

«Esta sinergia, que tem como protagonistas também todos os Movimentos de massa da Obra, talvez seja uma das características-base do meeting» - conta Franco Pizzorno, presidente de New Humanity, a ONG da Obra a quem se dirigem os organizadores para os relacionamentos com as instituições - «Cada assunto contém uma bagagem de experiências e de métodos de trabalho, que multiplicam ideias, força, unidade».

«É certo que trabalhámos durante anos de forma independente» - conta Cecilia Landucci da Comissão Anil da Secreteria Central de Humanidade Nova - «isto quer dizer que temos de encontrar novos métodos, alterar mentalidades, aprender a confrontarmo-nos juntos

visando objetivos comuns».

Uma tarefa que não é fácil, mas ao mesmo tempo bonita e entusiasmante, que tem as suas raízes na experiência de um grupo de educadores italianos, que desde 2010 se reúne numa «Mesa Nacional da educação». Continua Cecilia Landucci:

«Graças à rede da "Mesa" podemos experimentar uma comunhão de vida que se torna método de trabalho. O conhecimento das várias experiências promove a colaboração, faz sair do isolamento, favorecendo a difusão de quanto já se faz, quer como vida, quer como pensamento cultural no campo da educação, à luz do Carisma da Unidade».

A Mesa coloca em rede iniciativas educativas, didáticas e metodológicas, como a educação para a paz, para a cidadania, para a aprendizagem, que mostram como só um autêntico relacionamento interpessoal pode ser o

princípio de qualquer grande evento educativo.

«É graças a esta experiência que experimentamos a força da "rede" que, com o Meeting, vai adquirir uma dimensão Internacional».

O Meeting reunirá quantos no mundo se ocupam da educação a vários títulos: a família, o setor escola, os catequistas, os animadores de grupos, os peritos, os adolescentes.

«Até agora vimos a educação de vários grupos diferentes e todos importantes» – conta Nadia Xodo do Centro jovens para a Unidade– «mas a grande esperança deste meeting é reconhecer os adolescentes no papel de sujeitos ativos da educação. Graças à unidade que os mais jovens experimentam nos relacionamentos com os professores e com os pais, são portadores entre os seus desta nova perspectiva. Assim, podem ter maior influência na sociedade e esperar uma mudança concreta».

O Meeting começa sexta-feira 6 de setembro, com o tema «Educação e Globalização». Após um primeiro momento na sala, todo o resto do dia será dedicado à visita dos stands e à participação nos vários workshops de todas as partes do mundo, que se vão realizarão não só no Centro Mariápolis, mas também na vizinha escola «Paulo VI» de Castelgandolfo.

Repetem-se as mesmas modalidades no sábado 7 de setembro, focalizando a atenção em «Educação e Relação».

Angela Luce Silva (AMU), está a acompanhar a realização de stands e workshops:

«Os workshops transmitem os conhecimentos e as boas práticas que já experimentámos nestes anos, no que diz respeito à educação. Compreenderemos melhor como o Carisma da Unidade contribui para "educar" quando se está em família, na paróquia, quando se

trabalha para a ecologia ou nos meios de comunicação. Os stands, por sua vez, são de carácter nacional, para mostrar como cada cultura e cada povo encarnou, nos seus contextos específicos, a pedagogia da Unidade».

Uma particularidade deste dia é a abertura ao público, a todos quantos desejarem conhecer melhor o trabalho do Movimento no âmbito educativo. Com uma transmissão direta via internet, o evento será interativo e mundial.

«Construiremos juntos um momento comum, forte e significativo»- conclui Roberto Borri de Humanidade Nova – «que, a nível Internacional, terá como base de trabalho a comparação, a escuta, a partilha de ideias e de percursos educativos, as boas práticas realizadas e os projetos a desenvolver».

A 8 de setembro será a conclusão.

Para seguir todas as fases da preparação e a transmissão direta via internet:

<http://www.new-humanity.org/it/learning-fraternity.html>

Paolo Balduzzi



Inundações

Autoestrada para o «Ut Omnes»

«Diálogo com a cultura»: as Comissões Centrais fazem o ponto da situação

Já há alguns anos que não se realizava um encontro de vários dias para todas as Comissões Centrais das Inundações, por isso, quando, a 31 de maio, os cerca de 70 participantes se reuniram no Centro Mariápolis de Castelgandolfo, foi grande a alegria do reencontro.

O motivo do encontro era sobretudo ver a estrutura principal das Inundações: **a Comissão.**

Tratava-se de compreender de novo e aprofundar o sentido da Comissão, a sua natureza, a sua *missão*, o seu ser Diálogo, em particular «Diálogo com a cultura».

Nisto fomos guiados pela «Resurreição de Roma» que, como Chiara nos disse várias vezes, é a *Magna carta* das Inundações. As suas palavras iluminaram, deram sentido, encorajaram a viver por esta realidade, a

percorrer até ao fim o caminho deste diálogo, que não é simples, mas é muito fascinante, para levar a luz do carisma ao vasto mundo da cultura.

O encontro desenrolou-se num constante e frutífero diálogo, quer com todos em conjunto, quer no seio de cada Comissão. O ponto culminante foi no domingo de manhã, quando, depois de ouvir novamente a «Resurreição de Roma», houve um momento de comunhão sobre os trabalhos das comissões. Foi um momento muito intenso, onde se pôde admirar a beleza de cada inundação na sua especificidade e, juntos, ver o único diálogo que elas formam, como um único jardim onde há várias flores plantadas.

Cada inundação expressiu aquilo que já realizou

ao longo destes anos, apresentando também as perspectivas para o futuro, que foram amadurecendo precisamente nestes dias, à luz de Jesus no meio. Em todos havia muita vontade de fazer, de crescer, de encontrar sinergias entre as diversas Inundações, de se lançar de novo para fora, de construir o futuro.

Para muitas Comissões foi o momento de se renovar inserindo jovens, e também de se internacionalizar envolvendo pessoas de outros continentes.

No fim, a alegria de todos exprimia bem a experiência que tinham feito: reencontrarem-se, embora na especificidade de cada um, num único diálogo, o diálogo com a cultura, também ele «autoestrada» para o *Ut Omnes*.

Caterina Mulatero



Juntos por...

A «cultura do encontro» em ação

Novos passos encorajantes para o caminho de comunhão de "Juntos pela Europa", tendo em vista o 500º aniversário da Reforma, em 2017



«Este nosso encontro que vê assim unidas muitas Comunidades de várias Igrejas é uma grande riqueza para mim, uma experiência concreta da atuação do Espírito Santo. É o fruto de um diálogo aberto por Nosso Senhor Jesus Cristo e que homens e mulheres sensíveis ao seu espírito notaram e puseram em ação. É um motivo para dar graças».

Foi assim que o presidente da conferência episcopal alemã, D. Robert Zollitsch, iniciou a sua intervenção num encontro ecumênico para bispos e responsáveis de Igrejas na Alemanha, convidados pela organização alemã de *Juntos pela Europa*. No dia 23 de maio chegaram à Academia Católica de Estugarda vinte representantes de algumas Igrejas, entre os quais o presidente da Igreja evangélica da Alemanha, Nikolaus Schneider, e o metropolitano ortodoxo Serafim.

No site alemão *Miteinander-wiesonst* lê-se que os bispos encorajaram «a contribuir para um intercâmbio intenso e aberto das questões ecuménicas, particu-

larmente atuais, neste 50º aniversário do Concílio Vaticano II, tendo em vista também o 500º aniversário da Reforma, em 2017. Algumas das questões levantadas são: o regresso a Cristo como centro comum; a reelaboração comum da história, a nível regional e nacional; encontrar sinais de reconciliação e de consciencialização das sensibilidades das outras Igrejas».

Lê-se ainda: «Para nossa grande gratidão, o dia foi caracterizado por uma atmosfera de *Juntos* e pelo esforço comum pela unidade. Todos os participantes expressaram o seu empenho pessoal. (...) Pudemos oferecer precisamente aquilo que consideramos ser a nossa missão: oferecer um ambiente de encontro e de *Juntos* em que desapareçam as inseguranças e em que possam crescer a confiança e a coragem de ir em frente juntos».

O arcebispo Zollitsch descreveu o caminho de *Juntos* como «o desígnio de um esboço do Espírito Santo para o caminho que quer traçar entre as confissões e as Igrejas». E convidou todos a aderir, porque «é iniciativa do próprio Senhor».

No dia 4 de junho com a Comissão – perspectivas para olhar em frente

Estas e outras iniciativas locais de *Juntos pela Europa*, foram referidas no dia 4 de junho no encontro da Comissão de orientação, em Roma, num dia de reflexão na sede de Santo Egídio.



Andrea Riccardi recordou que – para quem iniciou este caminho de comunhão – foi experimentar o «Reino dos Céus». A Emmaus, lembrando as palavras do Papa Francisco, falou da «cultura do encontro» que produz comunhão – como se experimenta aqui no *Juntos*.

É uma comunhão que prossegue a ritmo diferente: na Grã Bretanha Movimentos e Comunidades de várias Igrejas estão a preparar-se para um primeiro grande encontro em Londres, no próximo dia 9 de novembro.

A Comissão estuda os preparativos do encontro dos «Amigos de *Juntos pela Europa*» que se realizará este ano, em novembro, em Paris. A temática é a solidariedade para com os pobres – um dos 7 sins da mensagem de Estugarda de 2007. Jean Vanier – fundador de *Arche* – assegurou o seu contributo. Também os jovens se estão a mover. O grupo *face2Faith* – estudantes dos Movimentos e comunidades de várias Igrejas que querem fazer parte do caminho de *Juntos pela Europa* – irão refletir

sobre o tema: «*Juntos pela Europa* – raízes e pontos de vista». Desejam partilhar os objetivos e as histórias dos muitos carismas que se encontraram neste caminho e comprometer-se em contribuir para ajudar a fortalecer a alma cristã da Europa.

Cristãos unidos pela Europa

Na manhã do dia 5 de junho, os responsáveis presentes em Roma foram recebidos pelo card. Stanislaw Rylko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos. Ele seguiu *Juntos pela Europa* desde o seu nascimento, sendo portador de uma mensagem de João Paulo II em Estugarda 2004. Ficou contente por lhe terem posto ao corrente dos passos dados e dos projetos futuros, que ele apoiou. Sublinhou o contributo que as comunidades e os movimentos podem dar para despertar a responsabilidade de uma Europa unida. É Deus que deve voltar ao centro da vida do homem, e Deus volta quando os homens se deixam «tocar» por Deus. O cardeal vê, nos carismas, lugares onde Deus «toca» os homens e transforma-os, tornando-os testemunhas credíveis do Evangelho. E referindo-se a tudo quanto o cardeal Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício disse em relação à unidade dos cristãos, reitera que a Europa precisa de cristãos unidos!

Gabri Fallacara





Venezuela Uma Bienal de Arte dedicada a Chiara

Eram crianças, jovens e adultos. Um total de 88 concorrentes, que participaram na terceira «Bienal de Artes Chiara Lubich» organizada e promovida pela Universidade Católica Cecilio Acosta de Maracaibo (Venezuela). Trabalhando com muito entusiasmo e concentração apresentaram obras de arte inspiradas no tema «olhar para todas as flores».

A Praça da República, no passado dia 11 de maio, estava imersa numa atmosfera de criatividade alegre e colorida, como acontece no atlier de um grande Artista, invisível mas bem presente, que, com o «patrocínio» oficial de Chiara não podia ser senão «Jesus Artista» no meio dos artistas.

Um crítico de arte, agnóstico, membro do júri da bienal anterior, classificou esta iniciativa como peculiar e, na sua opinião, única.

O ambiente venezuelano continuou em Caracas, onde houve a possibilidade de reunir cerca de vinte de artistas locais, no Museu de Arte Popular de Petare. Nexto contexto, tive a confirmação de que entre os artistas – mesmo agnósticos – é possível, e é enriquecedor, dialogar abertamente de Chiara e das experiências mais ítimas do seu Carisma, sob o aspeto da Beleza ou do seu modo de abordar a harmonia e o ambiente, o «Azul».



Um pintor já idoso, agnóstico e comunista, mostrando-me o seu aparelho auditivo disse-me: «não ouvi tudo, mas gostei muito do que consegui ouvir».

A diretora do Museu queria saber tudo de Chiara. Filha de um presidente da Venezuela, renunciou a uma carreira política, para se dedicar à Cultura popular, pensando que seria um empenho «político» mais urgente. Quando se falava do «Azul» estava muito atenta e concordava com entusiasmo porque sentia confirmada a sua escolha de vida.

Antes do regresso a Itália, realizou-se um encontro com Angel Lombardi (reitor da Universidade de Maracaibo, que em 2006 entregou a Chiara o Doutoramento *honoris causa* em Arte): ofereci-lhe o ícone *Mente di Gesù* feito por mim, explicando o desejo de Chiara de ver nascer, a partir do seu carisma, uma devoção à «mente de Jesus». Para o professor Lombardi e para a sua esposa, também ela uma intelectual e poetisa, foi uma descoberta fundamental, a tal ponto que, no dia seguinte, Lombardi falou disso com entusiasmo ao Conselho da Universidade.

Michel Pochet

Cebu – Filipinas.

A comunidade volta a florescer

Em Bacolod, pequena cidade do norte da ilha de Negros, a oeste de Cebu (Filipinas), onde durante um certo período existiu uma florescente comunidade, graças ao amor de uma focolarina originária de lá – que procurou as pessoas que conheciam o Ideal – renasceu a vida.

Um belo grupo, animado e unido, participou a seguir na Mariápolis de Cebu, contando experiências muito bonitas. Um jovem: «voltei à comunidade do focolar deixando para trás o peso dos últimos três anos, reaprendendo e revivendo o caminho do amor. Pensava que o meu coração estivesse irremediavelmente vazio e, pelo contrário, Deus mostrou-me que não era assim. Tinha ainda uma possibilidade. Podia escolher. E escolhi amar».

Ding Dalisay e Carlo Gentile

Marrocos

Mariápolis em Tânger

Pela primeira vez, realizou-se uma Mariápolis em Tânger. A nossa pequena comunidade composta por marroquinos – mas também por estudantes sub-sarianos e estrangeiros – ganhou coragem, com o apoio de Claude e de Gérard, dois focolarinos e ainda quatro Gen 2 de Turim, que ofereceram a sua disponibilidade para ajudar.

Participaram 60 pessoas: alguns não crentes, muçulmanos, cristãos de várias confissões. Todos ouviram com atenção o tema do ano sobre o irmão. A principal experiência foi viver concretamente a fraternidade universal.

Esta Mariápolis deu também coragem aos nossos muçulmanos de Tânger e a preparação foi uma ocasião para fazer crescer a unidade entre todos. Eis uma impressão entre muitas: «foram, de facto, os melhores dias da minha vida passados aqui em Marrocos. Pela primeira vez senti-me amado, considerado, igual aos outros. Pouco importa a idade, a origem, a cor da pele. Quero fazer parte desta grande família».

Nadine Chehab e Didier Lucas

Sidney – Austrália.

A arte de amar em família

«Esta é realmente a nova evangelização», foi o comentário de uma senhora no final do encontro de famílias, que se realizou em Sidney. Estiveram presentes 75, dos quais um terço teve o seu primeiro contacto com o Ideal. Depois de uma apresentação do movimento, o dia prosseguiu com experiências, de adultos e crianças, que exemplificaram os pontos da arte de amar na família.

Um encontro dos responsáveis de Famílias Novas da Austrália com os internos da cidade precedeu o evento: foi um momento para partilhar experiências sobre a vida de uma família, dos mais diversos pontos de vista – pais, vida de casal, jovens. Uma Gen 2 disse: «foram muitas as experiências e todas sinceras, concretas, sem fantasias e ajudaram-me a ver os relacionamentos de um ponto de vista mais real e prático. Também na vida de família se deve pôr em prática a arte de amar. Eu e Shuman (que veio pela primeira vez e ficou muito contente) estamos a experimentar fazer dela o nosso tesouro e estamos ver juntos essa hipótese».

Lucia Compostella e Bruno Carrera

Rina Borri Volpari

Oferecia o Ideal com um amor concreto

Na tarde do dia 22 de junho, Rina Borri Volpari, focolarina do Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, partiu para a Mariápolis Celeste. Completaria 101 anos daí a poucos dias.

Nasceu na província de Cremona, no dia 13 de julho de 1912. Conheceu o Ideal em 1958 e, no ano seguinte, juntamente com o seu marido Gianni, participou na Mariápolis de Fiera di Primiero. Foi para ambos um encontro com Deus, mas também um momento de prova: precisamente naqueles dias manifestou-se em Gianni uma doença que em poucos meses o levou para o Paraíso.

A filha Anna Rita já estava casada, era mãe de duas crianças e Rina, agora sozinha, frequentava o focolar assiduamente. Iniciou-se uma relação pessoal com Chiara e foi a própria Chiara que, conhecendo o sofrimento que ela estava a viver, a convidou para passar um período no Centro Mariápolis de Rocca di Papa. Rina foi com uma malinha só com o necessário, mas nunca mais voltou. Naqueles anos consolidou-se nela o chamamento ao focolar e ela pôs-se completamente à disposição das atividades recém-nascidas do Centro Mariápolis. Algum tempo depois foi também Chiara que lhe pediu para passar a cuidar da casa do p. Foresi e dos primeiros focolarinos. Foi uma vontade de Deus que desenvolveu com amor e dedicação enquanto a saúde lho permitiu.

Rina ficou, a partir de 1990, limitada a uma cadeira de rodas, mas a sua vida não parou: falava com muitas pessoas que lhe telefonavam a pedir conselhos, para partilhar sofrimentos, para receber dela uma palavra que lhes transmitisse serenidade. Não deixava ninguém ir embora sem lhe falar do Ideal, concretizando-o com o seu amor, vivendo com profunda fidelidade a Palavra de Vida que Chiara lhe deu



em 1969: "Quem não ama o irmão que vê, como pode amar Deus que não vê?" (1 Jo 4, 20).

Muitas vezes, às focolarinas que se revezavam junto dela, dizia: "Tinha tudo e tudo deixei por Deus. Servi sempre a Obra, até a engraxar sapatos".

Rina agradeceu sempre profundamente a Deus e a Chiara pelo Ideal. E por isso, em 1988 escreveu-lhe: *Quanto mais passam os anos, mais me dou conta de quanto é grande o Ideal. Quanta luz! Quanta força para fazer cada vez melhor a vontade de Deus e acreditar cada vez mais no Seu amor. A Via Mariae é a tua vida, portanto tu ajudas-nos e indicas-nos o caminho. Não me falta nada*". Numa outra carta disse-lhe: "Peço todos os dias a Nossa Senhora que me ajude a evitar a estupidez de quem sabe e não faz." E em 1990 confiou a Chiara: "Na economia divina o sofrimento é o elemento mais fecundo. É verdade, porque o sofrimento relativiza todas as coisas secundárias.

Só Ele, com as Suas Graças e o Seu amor, nos dá força e coragem para caminhar todos os dias em direção à santidade, para depois O encontrar".

Rina tinha um amor especial por Nossa Senhora. Pensamos que Ela a levou consigo precisamente num sábado, para a acompanhar até Jesus.

Com Ele entre nós, rezemos por Rina e peçamos o conforto para os seus familiares.

Mario Mannillo

«Corro em direção à meta»

Mario, de Grazzanise (Caserta, zona de Nápoles), chegou ao Paraíso no dia 6 de junho, tendo a seu lado a sua esposa, Angela, também ela focolarina, e os três filhos, e ainda o afeto e proximidade dos focolarinos e da comunidade.

Conheceu o Ideal em 1980 através de Famílias Novas, tendo depois sentido o chamamento ao focolar. Trabalhava no Ministério do Património e Atividades Culturais, como assistente técnico de escavações arqueológicas. No seu trabalho, tinha muitas ocasiões para ir contra a corrente e permanecer na legalidade. Tinha uma grande paixão pela música, o que veio a tornar-se numa riqueza para a região, porque, com alguns amigos que aderiram ao projeto de Economia de Comunhão, fundou uma associação com o objetivo de atrair os jovens para a música. A sua principal característica foi a simplicidade das crianças do Evangelho, que se confia a Deus e se lança a amar. Tomando Maria como modelo, escreveu a Chiara: «Pedi a Deus para ser uma outra pequena Maria, para te seguir e contribuir para a construção do "Ut omnes" o mais depressa possível», e numa outra ocasião: «Peço ao eterno Pai para me dar cada vez mais um coração de mãe». E fê-lo juntamente com a Angela, colocando-se ao serviço da Obra, como família-focolar, para a comunidade da sua região. A harmonia entre Mario e Angela foi sempre um bom exemplo para os familiares e para todos aqueles que se cruzaram com eles ao longo destes anos. Educaram e transmitiram o Ideal aos seus três filhos, a quem Mario soube oferecer, com tato e dedicação, a sua presença e o seu apoio.

No focolar foi uma presença ativa de unidade e quis sempre tomar as decisões importantes da sua vida com Jesus no meio.

Há um ano, logo a seguir ao casamento do seu filho mais velho, manifestaram-se claros problemas de saúde e os médicos acharam necessária uma intervenção cirúrgica urgente. A



hospitalização provocou nele um momento de escuridão, não conseguindo aceitar a nova situação. Foi através do amor desinteressado de um companheiro de quarto que redescobriu a proximidade e

o amor de Deus. Encontrando de novo a luz, recomeçou a dá-la a quem lhe passava ao lado.

No final de abril a doença agravou-se e os médicos decidiram suspender os tratamentos. Com Angela – também neste momento – disse «sim» a Jesus Abandonado e informaram-me de imediato da situação, garantindo que ofereciam tudo pela Obra. A todos os que os visitavam, Mario não deixava de dizer como sentia o amor de todos nos atos de amor que recebia. Na quinta-feira, dia 30 de maio, o encontro de focolar realizou-se no seu quarto. Foi um momento de Deus, no qual Mario convidava a amar e mais nada, sem «ses» e sem «mas», sem se fazer notar, sem cair na tentação de dizer «isto fui eu que fiz». Parecia um testamento, disseram-me os focolarinos.

A Palavra de Vida que Chiara lhe deu: «Corro para a meta» (Fil 3,14) ajudou-o a aderir ao plano de amor que Deus pensou para ele.

Rufino (Jun) Funk, Jr

Uma Fé mais preciosa que o ouro

Rufino (Jun) Funk, Jr, um dos primeiros focolarinos casados de Manila, chegou à casa do Pai no dia 8 de junho de 2013, festa do Imaculado Coração de Maria. Tinha 79 anos de idade e, juntamente com a Dori, também ela focolarina, foram colunas da Obra nas Filipinas.

Jun enfrentou a longa doença com dignidade, sabedoria e humildade. Junto da sua cama de hospital, naquela manhã, a recitar o rosário estava o seu filho mais velho Billy, que nos contou: «A sua partida foi muito serena, mas precedida de dores



intensas durante as quais dizia corajosamente: “esta é a vontade de Deus... a única coisa que conta!”. Foi surpreendente como se manteve consciente até ao fim».

Os seus últimos momentos foram um reflexo evidente de toda uma vida vivida com uma fidelidade inabalável à vontade de Deus - mesmo nos momentos mais difíceis - quer no ambiente de trabalho (ocupava um cargo importante numa empresa na área alimentar) quer ao enfrentar graves problemas sindicais e sociais, e em particular quando a Dori partiu para o Céu.

A aventura do Ideal começou para Jun quando a sua família participou na primeira Mariápolis que se realizou nas Filipinas, em 1966. Um cristianismo no qual as palavras de Jesus podem efetivamente animar a vida diária teve um forte impacto, que marcou nele e na sua família uma mudança radical. Os seus três filhos Billy, Beejay e Glenn foram dos primeiros Gen de Manila, a partir de 1967. Ao longo do tempo, os três sentiram a chamada a serem focolarinos casados, transmitindo às suas famílias o mesmo tesouro que receberam dos seus pais.

Para Jun foi um grande sofrimento quando Glenn, o mais novo dos três, concluiu a Santa Viagem há cerca de dois anos. Este facto fez-lhe gritar o seu "PORQUÊ?"; eco daquele "PORQUÊ?" de Jesus abandonado a Quem se tinha consagrado.

Pouco tempo depois - como uma nova provação para enfrentar - agravou-se a doença de que sofria há anos.

Mas também aqui, dada a sua simplicidade de criança evangélica reconheceu o amor de Deus e irradiava-o através dos seus olhos brilhantes e das suas palavras. Era um verdadeiro tesouro para todos os que contactavam com ele.

Pouco depois do encontro com o Ideal, Jun pediu a Chiara uma frase do Evangelho e um nome que exprimisse a sua maneira de ser. Como nome, Chiara escolheu: Aureus (de ouro) e como Palavra de Vida: «A vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro, mas que também é provada pelo fogo» 1 Pe 1,7).

Em 1980 Jun escreveu a Chiara: «Chamame a viver e a dizer sim à vontade de Deus. Assim, quando eu deixar esta Terra, que possam dizer de mim: “ele é a vontade de Deus”».

Quando Jun, em 2009, foi operado, ofereceu tudo pelas minhas intenções, pela Obra inteira - para que os nossos focolares se tornem cada vez mais família, como desejava Chiara - e pelas vocações ao focolar.

Eduardo (Eddie Boy) I. Co Chua

«Edificado por Deus»

Eduardo (Eddie Boy) I. Co Chua, um outro focolarino casado das Filipinas, concluiu a sua Santa Viagem no passado dia 13 de junho. A sua passagem para a outra Vida aconteceu de um modo solene e sereno, rodeado pelo amor de Jan, a sua esposa, também focolarina, e outros familiares, enquanto rezavam o terço. Estava pronto para «voltar a casa». Eddie Boy nasceu em 1946 e ficou órfão aos 11 anos. A mãe, ao morrer, tinha-o confiado à irmã mais velha, Dori, mulher de Jun Funk (focolarino casado que partiu para o Céu no passado dia 18 de junho). Foi tratado por eles como um filho. Eddie Boy, sensível e participativo no campo social, cresceu nos anos da contestação. Era diretor da revista da universidade onde estudava e membro da Acção Católica. Foi nesta altura que conheceu os Gen, no primeiro Congresso que se realizou nas Filipinas, em 1969. Encontrou assim um modo novo e radical para levar ao mundo a revolução do amor evangélico.

Eddie Boy e Jan casaram-se num encontro de famílias Novas, no então Centro Mariápolis de Rocca di Papa, em 1984. Não tiveram filhos, mas a casa deles era muito frequentada pelos sobrinhos, com os quais Eddie Boy estabeleceu uma bela relação cheia de afeto, tornando-se para eles um verdadeiro amigo e modelo. Ficou fascinado pela luz do carisma de Chiara e, ao longo dos anos, assumiu várias responsabilidades: nos diálogos ecuménico e interreligioso e no Movimento Famílias Novas da sua zona. Trabalhou também na redação



da revista Cidade Nova das Filipinas e dedicou-se ao mundo da comunicação, promovendo várias iniciativas, tendo em vista o ut omnes.

De Chiara recebeu uma Palavra de Vida: «É Deus quem impulsiona em vós o querer e o agir, segundo os Seus desígnios» (Fil 2,13), que procurou viver com grande empenho, assim como o seu nome: Eddi = «Edificado por Deus».

Em 1995 escreveu a Chiara: «Nunca poderei agradecer-te o suficiente pelo Ideal. Assusta-me pensar como teria sido a minha vida se não o tivesse encontrado». E mais tarde disse: «Não tenho dúvidas de que o focolar é uma invenção de Maria... os muitos, muitos milagres, talvez desconhecidos, da minha vida e da vida de outras pessoas que conheço, confirmam-me que é mesmo assim».

Quando Ihe diagnosticaram uma doença grave, continuou a viver com normalidade sem se deixar condicionar, quer na família, quer na vida de focolar e da Obra. E até ao último momento sentia-se nele a vontade de dar toda a sua vida para a realização do Testamento de Jesus.

Alessandra (Dina) Zenari

«E Maria conservava todas estas coisas meditando-as no seu coração» (Lc 2,19)



Alessandra nasceu em Verona. Quando tinha 16 anos, a família transferiu-se para Roma, onde estudou filosofia. Em 1949, encontrou «casualmente» Graziella, uma das primeiras companheiras de Chiara. Ficou fascinada, pediu para saber mais... Conheceu assim as primeiras focolarinas: Giosi, Dori, Ginetta.

Participou na vida daqueles primeiros tempos romanos, tempos também de suspensão, à espera da aprovação oficial do Movimento por parte da Igreja.

Mas permaneceu «debruçada à janela», não se sentindo atraída a entrar em focolar, mas chamada por Deus a permanecer no mun-

do para servir a humanidade.

Até que, depois da revolução húngara, quando em 1956 Chiara falou dos “Voluntários de Deus”, pessoas que dedicam a própria vida para levar Deus à sociedade: «Aqui percebi que era esta a minha vocação, este é o vestido que me fica bem».

Entrou, por isso, num dos primeiros grupos, depois chamados “núcleos”, testemunhando a nova vida em muitas experiências de ajuda, de conforto, de assistência a quem tinha necessidade.

Com as outras primeiras voluntárias, seguiu os momentos de formação, que se realizavam em Grottaferrata.

Durante um destes encontros de voluntárias, em 1966, Chiara foi convidada a participar numa audiência com o Papa Paulo VI. Estavam presentes também as voluntárias e Chiara chamou Alessandra para o seu lado, como representante de todos os membros da Obra. Uma bela foto, enviada por Chiara com dedicatória, recorda este momento vivido por Alessandra, com emoção e grande participação.

Em 1968 tornou-se responsável das voluntárias de Roma e, em 1973, foi chamada a colaborar com o Centro, em Grottaferrata, na nova realidade de Humanidade Nova.

Foi mesmo Chiara a indicar Alessandra como secretária: «É adequada para isto, já que tem interesse por todas estas coisas humanas».

Também quando Foco, com quem tinha um relacionamento filial, Ihe disse: «Quando te vejo, vejo a Humanidade Nova», sentiu a alegria de ter a reconfirmação deste seu empenho, ao qual se entregou com paixão e empenho.

Depois da Jornada no Palaeur, em 1983, Dori, naquela altura responsável do ramo das voluntárias, chamou-a para trabalhar a tempo inteiro no Centro das Voluntárias.

Tratava dos diversos aspetos que a Dori Ihe confiava e seguia as numerosas voluntárias que mantinham com ela uma relação estabelecida durante os vários congressos e escolas. Todas Ihe estavam agradecidas e próximas.

Chiara, através de uma frequente correspondência, encorajou-a, criando-se uma relação de estima e confiança.

À medida que os anos passavam, a saúde co-

meçou a faltar, mas Alessandra permaneceu sempre viva na sua oferta pela Obra. Deixou de andar sozinha e, mais tarde, passou a utilizar uma cadeira de rodas.

Em junho de 2008, antes da Assembleia da Obra, que se realizou depois da «partida» de Chiara, escreveu:

“Este é um tempo de preparação para este acontecimento na Obra. Quero viver (mesmo que não esteja presente na Assembleia) por este acontecimento, oferecendo tudo».

O núcleo passou a realizar-se na sua casa sendo para ela um momento sagrado, oferecendo sempre a sabedoria que brotava da sua vida em Deus.

Repetia com frequência: «Não me sinto sozinha ou abandonada. Se me sinto preocupada

com alguma coisa, agora tenho o meu slogan: PT (Preocupação = Tentação! e lanço-a no Pai».

“Embora não tenha tido uma família natural encontrei uma plenitude de vida que nunca tinha imaginado e também uma família sobrenatural.

Todos os meus sonhos de juventude, as minhas aspirações, os meus ideais também humanos, encontraram muito mais do que aquilo que pensava, numa completa anulação, porque Deus é infinito e é Amor: o diálogo de hoje com os “distantes”, os estudos e a filosofia (a escola Abbà), as inundações, a comunhão de bens, as obras de misericórdia, tudo me foi redoadado numa vida de comunhão e de alegria através do Carisma de Chiara. E todos os dias assisto às maravilhas de Deus”.

Maria Ghislandi



Anna Dal Bon

Primeira voluntária do Luxemburgo

Anna Dal Bon, primeira voluntária do Luxemburgo, chegou à Mariápolis Celeste, no dia

14 de abril, com 84 anos. Anna passou uma infância muito difícil em Verona, onde viveu com os avós numa grande pobreza. Emigrou para o Luxemburgo, trabalhou na Caritas, ligada à Missão italiana. Costumava dizer: «estou muito grata a Deus porque me deu uma infância pobre, que me ajudou a perceber melhor o sofrimento dos outros». Em 1957, foi convidada para a Mariápolis das Dolomitas. Voltou transformada e lançou-se a amar: «conheci Jesus Abandonado...quero consagrar-Lhe a minha vida para que o Ideal chegue ao Luxemburgo».

Em 1958 foi ela quem recebeu o primeiro focolar. Recebeu de Chiara um nome novo: Pavi, Palavra vivida. Seguiu Deus na vocação de voluntária, feliz por esta predileção e consciente da responsabilidade de ter aceso o fogo do amor sobrenatural nas voluntárias do núcleo: nos últimos tempos, passados numa casa de repouso, Anna confiava-se completamente a

Deus e crescia o seu desapego material e espiritual. Deu os seus livros que tanto amava, ou pequenas prendas que recebia, arrumou tudo o tinha pendente e organizou todas as coisas no seu quarto... tudo estava pronto.

O jornal dos veroneses no Luxemburgo escreveu: «Anna consagrou totalmente a sua vida ao serviço dos mais pobres, sem qualquer distinção de raça ou nacionalidade».

Maria Verhegge

p. Piergiacomo Didier

a alegria de viver o Ideal

Nasceu em 1943 e foi ordenado sacerdote na diocese de Asti, em 1967. Frequentava o núcleo dos sacerdotes voluntários do Piemonte e tinha participado na Escola Sacerdotal na Villa Maria Assunta, em Grottaferrata, em 1970.

Com um espírito bom e generoso, testemunhou a alegria de viver o Ideal, dando um con-



tributo de profunda e sincera comunhão com as suas experiências do Evangelho.

Quando chegou à diocese de Tivoli (Roma), em 1991, o p. Piro inseriu-se no núcleo de sacerdotes voluntários e, na comunidade onde trabalhava, conseguiu construir facilmente um relacionamento profundo com muitos. Interessava-se mesmo pelas pessoas, dedicando-lhes tempo e disponibilidade. Por isso era muito amado e deixou uma ótima recordação nas pessoas.

Esteve primeiro em Tivoli e depois foi pároco em Vivaro Romano e Riofreddo, onde ficou até

2012. Nessa altura, por causa da saúde, teve que voltar à diocese de Asti. Chegou à casa do Pai em 28 de Novembro passado.

O seu funeral foi celebrado pelo bispo de Asti e, numa carta enviada aos sacerdotes e às comunidades de Vivaro Romano e Riofreddo, o bispo de Tivoli definiu-o: «servo bom e fiel do Evangelho». No dia 5 de Dezembro, em Riofreddo, na missa de sufrágio estava muita gente que, apesar da neve, quis estar presente para testemunhar, comovida, o amor e a atenção que o p. Piero tinha tido por cada um.

Mario Ratini

Giuseppina (Giusy) Porcello Felicetti

«*Caminharei no meu raio de luz*»



«O Senhor concedeu-me muitas prendas. Agora quer que eu seja toda Sua. Tenho que me desapegar de todas as prendas que me deu e restituí-las a Ele. Cometerei erros, cairei, chorarei, mas caminharei em linha reta no meu raio de luz». Foi assim que Giusy, voluntária de Roma, partiu para o Céu no passado dia 21 de março, com 72 anos.

Com um carácter sensível, delicado e positivo, apesar de ter tido uma infância e uma adolescência muito perturbada, num momento difícil Giusy conheceu uma focolarina: nela viu uma mãe, uma irmã, uma amiga e sentiu-se amada. No focolar, que era a sua família, descobriu a vocação da voluntária. Enquanto trabalhava como guia turística na Basílica de S. Pedro, encontrou Alberto: o casamento deles, foi vivido com uma abertura total aos outros. Giusy queria dar o amor que tinha recebido a quem dele necessitasse. Se alguém conhecido era internado num hospital da capital, era a primeira a visitá-lo.

No ano de 2000 ofereceu-se, juntamente com outros leigos da sua paróquia, para levar o Evangelho de casa em casa. Contava as belas experiências que fazia nas famílias. Depois veio a doença, que viveu sem esconder o quanto era di-

ficil pôr nas mãos de Deus o seu doloroso sim. Numa das últimas vezes disse: «Não saio d'Ele. E não percebo porque tenho tão pouca fé: mas depois penso naquilo que Ele sofreu na cruz e o meu sofrimento parece-me uma coisa muito pequena».

Bonaria Gessa

Aldo Trainotti

«*Estava doente e visitastes-me*» (Mt 25,36)

Aldo, voluntário de Ala (zona de Trento), nasceu em França, para onde a família tinha emigrado. Em 1948, com 23 anos de idade, veio para Itália.

Trabalhou em várias atividades: primeiro na empresa da família, depois

numa fábrica de papel, em seguida nas autoestradas, em Avellino, e por fim como empregado na escola secundária de Ala. Com 25 anos casou com Elisa e tiveram seis filhos.

Em 1960, conheceu o Movimento dos Focolares, que mudou profundamente o modo de se relacionar com os outros e dilatou o seu amor. A fé em Deus Amor ajudou-o a vencer a grande dor da morte da mulher, ainda muito nova, em 1962.

Frequentou um curso de teologia e na paróquia foi ministro extraordinário da Comunhão.

Em determinada altura escreveu: «Quando levo Jesus, das nove da manhã até ao meio dia, sin-



Concetta Antonelli Cerimele

«Obrigado»

Concetta Antonelli Cerimele nasceu em Agnone (zona de Roma). Com uma inteligência viva, era muito estimada no seu trabalho de professora. Em 1971, através das suas filhas Rosa e Maria Rita (atual delegada da zona de Nápoles) conheceu o Ideal. Ficou fascinada e tornou-se a primeira voluntária de Molise. Ao seu redor nasceu em Campobasso, a cidade onde viveu, uma comunidade da qual, juntamente com um voluntário, foi responsável durante muitos anos. A sua casa tornou-se o lugar de encontro onde passavam muitíssimas pessoas que eram acolhidas com amor. As focolarinas que ela recebia encontravam em Concetta «a mãe, a casa, a pátria prometidas a quem deixa tudo por Ele» e envolveu também Giovanni, o seu marido, na corrida de amar com um amor generoso. Tinha

o dom de estabelecer relacionamentos e de agir «segundo a verdade, na caridade», como sugeria a Palavra de Vida que Chiara lhe deu. Em poucos anos deu a conhecer a revista «Cidade Nova», fazendo mais de cem assinaturas, e conservando com os assinantes uma relação de estima e afeto. Apoiou ativamente uma iniciativa social, que nasceu na cidade para ajudar pessoas com dificuldades e foi um motivo para aproximar quem, mesmo distante da Igreja, é sensível à ajuda concreta aos pobres. Tendo sido hospitalizada numa clínica, durante um mês viveu uma corrida para Deus.

Maria Rita contou-nos: «A minha presença junto de Concetta foi para ela o cêntuplo por ter dado sempre tudo a Deus, sem pretender nunca nada para si, e para mim a graça de poder receber a herança tão preciosa de uma vida que, precisamente naqueles dias, atingiu o ponto mais alto». Lúcida até ao fim, depois de uma noite de sofrimento disse: «Estou ansiosa por ir a um encontro esperado» e começou a cantarolar «Obrigado». O encontro com Jesus aconteceu na noite de 29 de abril de 2013.

Bonaria Gessa, Maria Rita Cerimele



to que sou um instrumento da misericórdia de Deus, alegro-me por levá-Lo pelas ruas da cidade e descubro que faz muito bem aos doentes». Quando se reformou, trabalhou também no Centro Mariápolis de Cadine. As focolarinas escreveram: «Aldo, durante mais de 20 anos, vinha ajudar-nos um dia por semana,

pronto para qualquer trabalho: manutenção, jardinagem, limpeza da estrada ou das esplanadas... foi o fundador do nosso voluntariado, um exemplo que levou outros a imitá-lo».

Aldo deixou-nos no dia 24 de abril, com 88 anos, depois de uma doença prolongada, vivida até ao fim numa síntese extraordinária de docili-

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **M. Dionisia**, mãe de **M. Gabriela Melo**, focolarina na Mariápolis Romana; **Maria**, mãe de **Danilo Viridis**, focolarino casado em Roma; **Amparo**, irmã de **Maria Remedios (Reme) Selva**, focolarina em Loppiano; **Maria**, mãe de **Maria Christa (Mill) Zomack**, focolarina em Londres; **Hans**, pai de **Birgitta Beisser**, focolarina em Buenos Aires; **Kazuo**, pai de **Klesio Hamada**, focolarino na Mariápolis Romana.

dade e tenacidade, acompanhado pelo amor dos seus entes queridos e de muitos membros da Obra de Maria.

Roberto Novelli

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXX • Agosto de 2013 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

“Um de nós” “One of us”

Com a iniciativa "Um de nós", para evitar o uso indiscriminado de embriões humanos em experiências científicas, pretende-se recolher um milhão de assinaturas em defesa da vida humana, até final de outubro deste ano. Cada país da União Europeia tem uma sua quota nesse número global, que é proporcional à sua população. É obrigatório que sete países ultrapassem essa quota e isso já sucedeu (Itália e Espanha, por exemplo, já ultrapassaram em muito as suas quotas). Mas, quanto a Portugal, ainda vamos pela metade da nossa quota (que é de 15.000).

Como forma de dar o seu contributo a esta iniciativa, as comunidades dos Focolares, em alguns pontos do país, recolheram assinaturas à saída das missas. Os párocos deram todo o apoio. Em Cascais e no Estoril a iniciativa correu bem, e contam-nos:

“No final da missa, lemos a explicação. Tínhamos preparado uns cartazes com o logotipo da iniciativa, mesas e cadeiras, para



as pessoas assinarem sentadas. Nas mesas havia várias folhas e esferográficas (para evitar filas). Os gen 3 mais velhos explicavam às pessoas como preencher corretamente as folhas (nem sempre as pessoas indicam o número completo do cartão de cidadão, por exemplo). A quem queria assinar pela internet, entregávamos a indicação do site onde se pode assinar (www.oneofus.eu/pt-pt) e de um outro onde se podem obter mais indicação sobre como assinar (www.umdemos.org). A quem não tinha consigo o seu número de identificação, deixávamos um número de telefone para nos darem essa indicação depois. A quem levava folhas para recolher outras assinaturas, pedíamos que as deixassem depois na sacristia, ou as enviassem para a sede da Federação Portuguesa pela Vida (Rua Artilharia 1, 48, 3º dtº, 1070-013 Lisboa), que tem a seu cargo a coordenação da iniciativa em Portugal. A quem queria mais esclarecimentos, deixávamos outra documentação recolhida no site.

